



O LABIRINTO PERIFÉRICO

AVENTURAS DE MARIÁTEGUI NA AMÉRICA LATINA

DENI ALFARO RUBBO



Em *O labirinto periférico: aventuras de Mariátegui na América Latina*, Deni Alfaro Rubbo propõe uma abordagem original à obra de José Carlos Mariátegui. Convoca-nos a redescobrir o Amauta através dos olhares dos seus leitores, seus difusores, seus decodificadores, seus intérpretes, seus apropriadores, seus tradutores. Ele nos convida a percorrer os caminhos das ideias do Amauta, e calibrar a profundidade de seus rastros.

Com esse objetivo, Deni lê Mariátegui e seus mentores de quase um século. Não se limita a toda a literatura acessível, por si só, já abundante. Ele pesquisa os arquivos como se alguém raspasse o fundo da panela para não deixar vestígio nenhum. Com fervor heurístico, Deni investiga, por exemplo, no arquivo da Casa de las Américas, em Cuba, o que lhe permite apresentar documentos pouco conhecidos sobre o Amauta. Depois, com fervor hermenêutico, ele seleciona algumas visões, as mais atinadas, possivelmente as mais representativas de algumas gerações, especialmente aquelas ligadas às tradições políticas e intelectuais críticas do Brasil.

John Berger costumava dizer que “olhar é um ato de escolha”. Os condicionamentos históricos, institucionais, existenciais de cada visão, ou seja: os motivos de cada “escolha”, são narrados por Deni com uma destreza narrativa e uma rigorosidade inusitada. *O labirinto periférico* é, em grande medida, uma abordagem historiográfica lúcida, uma reflexão histórica sobre várias hermenêuticas, um exercício cativante de “deciframento do decifrador”. Só que é mais do que isso.



Há alguns anos, Deni se detém na análise de um campo que denominou-se *mariateguismo*. Constituída por diversas experiências militantes e acadêmicas com seus respectivos recursos e protocolos, com suas formas discursivas; alimentado por numerosas linhas e correntes, o mariateguismo inclui tanto expressões “simples” quanto “estudos mariateguistas” (uma espécie de “braço acadêmico” e, até certo ponto, institucionalizado). No meio, temos a implantação de um extenso leque de manifestações híbridas.

Deni traça a cartografia desse campo que, em certa medida, se tornou independente daquele que, sem querer, o inspirou e lançou seus alicerces sólidos. Mariátegui e mariateguismo são objetos intercomunicados, mas diferentes. Deni mergulha o mariateguismo, contempla-o de dentro, examina as leituras que fermentam aquele campo, detém-se na sua função social, na sua fecundação cruzada e nas suas tensões. No vasto universo do mariateguismo, o pensamento, o trabalho e a experiência de vida (agonia) de Mariátegui, mais do que um critério de validação, funcionam como pretextos para envolver, a partir de vários presentes e de várias preocupações, inúmeros problemas que batem potencial no próprio Amauta.

Isto foi possível por várias razões, todas elas determinantes. Pelas intuições profundas de Mariátegui, “situadas” no geopolítico, no geocultural e no epistemológico. Por suas críticas aos próprios fundamentos do eurocentrismo, o colonialismo e a racionalidade que recita monólogos e só sabe avançar sobre ruínas. Pelo caráter radicalmente antidogmático de suas propostas. Porque nos seus esforços para desvendar um caminho periférico e virtuoso para a universalidade, ele propôs linhas de fuga fecundas e compôs uma obra viva.

Mariátegui foi o fundador do marxismo de Nossa América. Algo que, sem dúvida, é o “marxismo” mas não é exatamente igual ao “marxismo”. É uma recriação do marxismo, livre da ciência unilateral e de toda certeza de infalibilidade na hora de





decifrar a realidade, livre de incrustações positivistas e naturalistas, bem predisposta à alteridade.

É uma recriação que enfatiza algumas partes de Marx em detrimento de outras; por exemplo, ele prefere a chave que iguala vida e ser e que, mais do que no “trabalho”, centra-se na vida e na fecundidade da vida. Esta perspectiva não adquire vigência e relevância incomum em um mundo onde a luta de classes é cada vez mais uma luta entre a vida e o capital, entre a vida e a morte. É, por tudo isso, uma recriação que nos permite a recuperação de um Marx integral que foi invisibilizado e mutilado pelo “marxismo-leninismo” que se tornou ideologia estatal ou receita política. Em algum sentido, Mariátegui e o mariateguismo contribuem para renovar a exegese marxista, para redescobrir Marx. Um Marx excêntrico e marginal. Um Marx que se interessa pelas sociedades não europeias e que dá conta do colonialismo, mas não como um “infeliz acidente” – nos termos de Franz Fanon – mas como um fenômeno co-constituente da modernidade capitalista. Um Marx que não concebe a nova sociedade a partir de um simples e linear desenvolvimento das forças produtivas (o capitalismo como pressuposto “necessário” para a sociedade comunista) e, longe de todo “fetichismo das premissas materiais”, despeja o terreno à imaginação, ao desejo, à luta consciente, ao sujeito real. Um Marx que intui o potencial transformador das formas comunais e das classes “não modernas” e que fornece chaves originais para pensar a ecologia, a tecnologia e as formas materiais da opressão, enfim, para pensar a crise civilizatória do capital e as possíveis transições a sistemas que superam o capitalismo. Um Marx que, a partir da causa irlandesa, começa a pensar a “questão nacional” sob coordenadas que abrangem realidades periféricas. O “Marx maduro”, aquele que dá origem ao *O Capital*, sim, mas também o dos *Grundrisse* de 1857-58, ou o d’*Os manuscritos de 1861-1863*. Mas especialmente “o velho Marx”, o “último Marx”; aquele que, incansável e experimental, rascunha página após página, cheio de dúvidas e intuições formidáveis: o



Caderno Kabalevsky, os Cadernos etnológicos, as Cartas a Vera Ivanovna Zaslitch, entre outros materiais.

Em suas melhores expressões, em produções como as que nos brinda Deni, o mariateguismo, contribui para fazer mais fluido o diálogo entre a londrina Maitland Park Road e a limenha rua Washington Izquierda. Este trabalho torna possível este tipo de intersecções, entre outras.

O marxismo de Nossa América é, pois, a recriação da totalidade marxista, mas por outros meios, regida por outras cadências e outras profanações. E não há “marxômetro” que possa medi-la.

Mariátegui é o filósofo da práxis deste lado do mundo periférico; do lado desigual e combinado; do lado de formações sociais heterogêneas; do lado da mistura, as alteridades, o *abigarramiento*, a impureza, o desajuste e o palimpsesto; do lado que mais incentiva a dialética, tanto que a deixa exausta. Mariátegui é uma referência imprescindível para a tarefa de restabelecer a utopia, o mito, a comunidade e um amplo conjunto de elementos dinâmicos do devir histórico dos nossos povos. Mariátegui é o intelectual-militante que estabeleceu as coordenadas de *Nuestro Socialismo* (projeto vital e não canônico), é uma figura incontornável no momento de repensar as possibilidades emancipatórias na Nossa América.

Então, o mariateguismo é o nosso marxismo. É o itinerário mais apropriado para o autoconhecimento de nossas sociedades. É o nosso modo de ser marxistas. Um modo austeramente esplendoroso. Um modo que, para um marxista clássico ou classicismo, pode parecer acidental, ilógico, ímpio, enfim: barroco. Por isso, um mariateguismo não marxista (e até antimarxista!) é injustificável. As pretensões de fundá-lo a partir da crítica à razão ocidental proposta por Mariátegui sempre expõem cortes grosseiros, manipulações escancaradas e oportunismos rasteiros.

As inquirições de Deni deixam claro as causas que explicam a inexistência de tradições emancipatórias em Nossa América que não reconhecem em Mariátegui o seu ponto de parti-





da: a teoria da dependência; a teologia da libertação; a crítica à colonialidade do poder, do saber e do ser e das perspectivas descolonizadores em geral; as abordagens interseccionais; as pedagogias libertadoras; a filosofia latino-americana; a ciência política e a sociologia crítica e militantes, entre outras; e, obviamente, o socialismo de Nossa América e um conjunto de proposições altermundialistas. O mariateguismo, então, confirma uma condição precursora e, ao mesmo tempo, é o sinal de uma continuidade. As ideias de Mariátegui continuam viajando e revivem nos sucessivos olhares. Revivem e se transformam. Portanto, o marxismo pode ser revitalizado na vertente abundante do mariateguismo.

Deni confirma o que já tinha sustentado Alberto Flores Galindo: o mariateguismo é uma aventura inconclusa. Neste sentido, o restabelecimento da historicidade de Mariátegui nunca vai contra o reconhecimento da sua atualidade. O mariateguismo é, portanto, um campo no qual convivem múltiplas historicidades. Um campo atravessado de inumeráveis caminhos, bifurcações e encruzilhadas. Foi e é a terra fértil para pensarmos e repensarmos. Foi e é o fermento para o pensamento criativo. É também um campo de disputa, sempre relutante em se tornar um “mariateguismo realmente existente”.

O mariateguismo é um campo que permite intervenções múltiplas e diálogos cruzados: entre o sistemático e o assistemático, entre o disciplinar, o extradisciplinar e o transdisciplinar, entre ciência e religião, entre razão e mito, entre estrutura e sujeito, entre o determinado e a vontade, entre o instituído e o instituinte, entre as ciências sociais e a *práxis* política, entre a monografia e o ensaio. Trata-se de um campo de acordos e desacordos, mas sobredeterminado por desejos de reconciliação e pela presença de um plano que tende à dissolução das incompatibilidades gnoseológicas. Um campo que se retroalimenta constantemente da impugnação, tanto do unidimensional como dos dualismos binários.



O mariateguismo, além de um campo, é uma rede difusa cujos nós remetem a experiências individuais ou coletivas. Também é um código, *o código Mariátegui*. Um sistema de signos e regras não escritas que há anos torna possível a formulação e a compreensão de informações, um verdadeiro sistema de produção e troca de mensagens, aberto e em permanente construção. Uma configuração dinâmica, capaz de assimilar todos os transbordamentos e as conexões mais impensadas. Um código que não esquematiza, um código não codificador, um código transgressor. De forma alguma é uma “escola”. Ao narrar a história desse código, Deni traz consistência e contribui para torná-lo mais inteligível, próximo e *nuestro*.

Deni, além disso, põe em evidência o modo como o estudo da recepção de um autor e uma obra serve para iluminar seus aspectos mais obscuros, seus lugares menos explorados; como as condições dessa recepção modificam sentidos e criam outros que, por sua vez, criam outros. Os modos, as cadências do mariateguismo parecem responder à figura do rizoma.

Nós acreditamos que é necessário voltar uma e outra vez à obra e ao pensamento fundador de Mariátegui, com a certeza de que neles se aninham chaves férteis e heranças não gastas. Chaves e heranças que, para se traduzir em ação concreta, requerem um trabalho de actualização e criação que abjure de toda predisposição apologética e de toda comodidade intelectual.

Aliás, Mariátegui foi uma das figuras através das quais as ciências sociais retomaram nos últimos anos os “grandes temas” abandonados pelas perspectivas pós-modernas, por um neoempirismo mais teórico que experimental, pelo neofuncionalismo e outras correntes de pensamento apologéticas da ordem do capital. O que demonstra a falta de *timing* (e o obscuro desejo) daqueles que se apressaram a dizer “adeus a Mariátegui”.

Talvez a principal dívida e o principal desafio do mariateguismo contemporâneo consiste em contribuir para o debate de uma estratégia política revolucionária. Lembremos que Ma-





riátegui aspirava por uma política que fosse sinônimo de filosofia e religião. Uma política “elevada”. Cabe pensá-la em sintonia com a “grande política” de que falava Antonio Gramsci. Têm sido relevantes os passos dados nas dimensões epistemológicas e metodológicas; em questões de recursos heurísticos e de teoria social; nas conceituações identitárias ou culturais. O trabalho de Deni demonstra isso amplamente.

Mas na hora de repensar Mariátegui a partir de problemas estratégicos (políticos, revolucionários), os vazios são muito visíveis. A práxis política, a questão do poder, é o elo mais fraco do mariateguismo. É a parte menos desenvolvida do código Mariátegui. Muito mais se nos detivermos nas intervenções das últimas décadas. Além disso, acreditamos que é legítimo perguntar-nos até que ponto o interesse pelas dimensões, matérias e conceitualizações mencionadas não foi em detrimento do interesse pelos problemas associados à contra-hegemonia. O trabalho de Deni também põe em evidência esta situação.

De todos os grandes temas abordados por Mariátegui, aqueles ligados às questões de estratégia política foram os mais negligenciados nos últimos tempos. O vanguardismo político foi menos mencionado e tematizado que outros vanguardismos do Amauta. Ao mariateguismo custou-lhe se auto-atribuir papéis mais ativos na hora de pensar/fazer uma política emancipatória; na hora de repensar, por exemplo, o “comunalismo” de Mariátegui, seus métodos de acumulação e intervenção política, etc. É claro, houve exceções, entre outras mencionadas por Deni, como a de Michael Löwy.

Neste aspecto, o mariateguismo, o marxismo da Nossa América, reflete a situação do marxismo em geral: uma crise que não afeta sua presença epistemológica e sua qualidade de teoria social, senão sua condição de credo insurgente. Isto não responde ao acaso. Sem entrar em detalhes, podemos considerar vários motivos relacionados entre si.



Em primeiro lugar, as experiências dos “socialismos reais” que desgastaram as ideias de transformação radical, de igualdade substantiva, de democracia radical e de autogoverno popular, invocando-as em vão e em função de projetos que, em aspectos essenciais, eram a antítese do socialismo ou do comunismo. Mas o senso comum colonizado pelo neoliberalismo não considerou esta falta de afinidade essencial e nada pôde evitar o retrocesso destes últimos significantes. A crise dos socialismos reais serviu para que as classes dominantes decretassem a inviabilidade histórica dos sistemas alternativos ao capitalismo, reforçassem o fatalismo e apagassem de uma vez só a ideia da heterogênesse dos fins da qual falava Giambattista Vico. Nos impôs à tarefa de demonstrar que não é uma condição essencial das revoluções se consolidarem à custa dos ideais e da práxis que as motorizaram; que a utopia não está indefectivelmente condenada a ser engolida pelo realismo político, sobretudo se este último for um realismo político revolucionário.

Depois, a sucessão de décadas de hegemonia neoliberal que, junto com a destruição dos aparelhos produtivos e instituições reguladoras do mercado capitalista, destruiu sujeitos e arrasou subjetividades críticas e valores solidários e igualitários.

Finalmente, não podemos ignorar o balanço das experiências chamadas de progressistas na primeira década e meia do século XXI e que aconteceram em vários países da região. Estas experiências impulsionaram modalidades de inclusão social que, em geral, estiveram subordinadas e atadas a ciclos expansivos circunstanciais e não modificaram as estruturas reprodutivas da desigualdade. Porque, diretamente, não se propuseram e se assumiram desde o início como alternativas neodesenvolvimentistas e intrasistêmicas, ou porque não puderam. Por outro lado, com seus claro-escuro, estas experiências também foram demarcadas pelas ambiguidades e os efeitos de despolitização (especialmente ao nível das classes subalternas e oprimidas) de muitas de suas iniciativas.



Então, a desatenção dos temas de estratégia política, quando não o desinteresse total pelas questões relacionadas à questão do poder, podem considerar-se como o resultado de uma derrota, de várias frustrações e da desorientação.

Pois bem, estamos convencidos de que sem um debate profundo sobre estratégia política será muito difícil romper o círculo vicioso onde o desinteresse, a derrota, a frustração e a desorientação se alimentam. Destacar os sentidos mais políticos do mariateguismo, destacar sua dimensão *práxica* e suas orientações contra-hegemônicas e comunistas, pode nos ajudar a sair desse círculo vicioso e pensar uma política emancipatória significativa. Uma política que deixe em evidência os mecanismos alienantes e opressivos do capitalismo ao mesmo tempo que denuncie o opróbrio de sua naturalização. Uma política que dê conta dos desejos das classes subalternas e oprimidas. Uma política que acabe com as “almas desencantadas”.

Isso de forma alguma implica a pretensão de derivar de Mariátegui uma ideologia “marxista-mariateguista”, um modelo, uma linha política mariateguista “correta” ou monstruosidades similares. Isso seria absurdo, um canto à mediocridade, e iria contra o espírito mesmo do mariateguismo e seu código. Mas... por que se recusar a pensar também esses problemas à luz de Mariátegui? Por acaso a intercessão do Amauta não contribuiria para pensar estes problemas à luz da dialética do mercado mundial, da luta de classes e da totalidade? Pensá-los por fora do pacto neoliberal e do “campo de objetividade” que nos impõe? Por acaso Mariátegui não tem nada a nos dizer a respeito de possíveis transições (sempre descontínuas, jamais lineares) para sistemas pós-capitalistas? O campo mariateguista não deveria evitar este tipo de interrogações. Não, se pretendemos atingir o centro do estigma hegeliano que pesa sobre Nossa América, especialmente sobre suas classes subalternas e oprimidas. O código Mariátegui deveria desenvolver-se como um



código de e para a práxis, um código incomparável para a ciência social hegemônica e, sobretudo, para a política hegemônica.

Trata-se, sem dúvida, de um trabalho de alto risco: porque não se trata da escolha de métodos e modelos padronizados, porque é preciso inventar ininterruptamente para não errar e porque o objetivo, mais do que permanecer, é servir, mais do que inserir-se no que é preexistente é instituir o que é novo. Como dizia o Amauta: “O trabalho intelectual, quando não é metafísico, mas dialético, quer dizer, histórico, tem os seus riscos”. Nunca nos cansaremos de dizer que Mariátegui, especialmente neste momento da Nossa América, exige de nós militância, muitas “militâncias”.

O trabalho de Deni Alfaro Rubbo nos oferece um mapa confiável para nos orientarmos na geografia dinâmica do mariateguismo. Da mesma forma, assume o desafio de fazer do mariateguismo um campo de articulação e produção de saberes, práticas e lutas e promove a conformação de uma intelectualidade crítica consubstanciada com as melhores tradições emancipatórias da Nossa América. Trata-se, pois, de uma contribuição imprescindível.

Miguel Mazzeo⁷⁶⁷

Lanús Oeste, Provincia de Buenos Aires, Argentina

15 de outubro de 2020.

⁷⁶⁷ Miguel Mazzeo, é professor de história e doutor em ciências sociais pela Universidad de Buenos Aires. É autor de numerosos livros, como *El socialismo enraizado. José Carlos Mariátegui: vigencia de concepto de “socialismo práctico”* (2013).